XXI ENANCIB
Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
50 anos de Ciência da Informação no Brasil: diversidade, saberes e transformação social
Rio de Janeiro • 25 a 29 de outubro de 2021

XXI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXI ENANCIB

GT-3– Mediação, circulação e apropriação da informação

O FENÔMENO DA DESINTERMEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO NO CENÁRIO DA INFODEMIA

THE PHENOMENA OF INFORMATION DISINTERMEDIATION IN THE INFODEMIC SCENARIO

Carlos Alberto Ávila Araújo – Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: O objetivo deste trabalho é discutir a questão da desintermediação da informação a partir do cenário informacional contemporâneo. Para tanto, parte-se do conceito de "sistemas peritos" em Giddens. A seguir, são apresentados conceitos recentes construídos para estudar tal cenário, divididos em três grupos: ações que tentam se aproveitar da legitimidade dos sistemas peritos; ações que buscam desconstruir a legitimidade dos sistemas peritos; e fenômenos que compõem o contexto dessas ações. Conclui-se que a área de pesquisa em mediação da informação precisa incorporar em seus estudos as questões relativas à desintermediação da informação como forma de combater seus efeitos nocivos.

Palavras-Chave: desintermediação da informação; infodemia; desinformação.

Abstract: The objective of this work is to discuss the issue of disintermediation of information from the contemporary informational scenario. To do so, it starts from the concept of "expert systems" in Giddens. Next, recent concepts built to study this scenario are presented, divided into three groups: actions that try to take advantage of the legitimacy of expert systems; actions that seek to deconstruct the legitimacy of expert systems; and phenomena that make up the context of these actions. It is concluded that the information mediation research area needs to incorporate in its studies the issues related to the disintermediation of information as a way to combat its harmful effects.

Keywords: disintermediation of information; Infodemic; misinformation.

1 INTRODUÇÃO

Nas décadas de 1960 e 1970 foram produzidos vários livros e artigos científicos a respeito da chamada "sociedade da informação". Havia ali a esperança, e uma promessa, de grandes avanços para a humanidade, em suas várias dimensões (política, economia, trabalho,

direitos humanos), por meio de um maior acesso à informação, possibilitada pelos desenvolvimentos tecnológicos. Passaram-se as décadas, e houve, efetivamente, um grande avanço tecnológico no campo da informação, com a criação dos microcomputadores, da internet, dos motores de busca, das redes sociais, dos *smart phones*, entre outros. Contudo, a promessa de uma sociedade mais racional, democrática e inclusiva não se cumpriu. Obras recentes designam o momento atual com outras expressões: "o grande retrocesso" (GEISELBERGER, 2017), "a sociedade de controle" (SOUZA; AVELINO; SILVEIRA, 2018), o "mundo Orwell" (GÓMEZ DE ÁGUEDA, 2019), a "sociedade da ignorância" (MAYOS; BREY, 2011) ou a "sociedade do desconhecimento" (SERRANO OCEJA, 2019).

A utilização de nomes como esses para caracterizar o momento atual tem um motivo: o amplo crescimento da circulação e do acesso à informação acabou por ser acompanhado de um gigantesco crescimento da circulação de informações falsas, discursos de ódio, teorias da conspiração, que vêm conduzindo as pessoas a tomarem decisões e agirem baseadas em mentiras e distorções, a adotarem posturas autoritárias, de negacionismo, de violência e de preconceito.

Pesquisadores de vários campos científicos (sociologia, antropologia, ciência política, ciência da computação, direito, economia, comunicação social, entre outros) têm se dedicado a estudar o fenômeno. Isso fez com que, também, muitos termos distintos começassem a ser usados para se descrever esse novo cenário informacional. Expressões como *fake news*, negacionismo científico, pós-verdade, infodemia, desinformação e outros vêm sendo muito utilizados, embora, muitas vezes, sem uma clara precisão conceitual, e mesmo sem uma rigorosa distinção entre eles. Ao mesmo tempo, a literatura tem apontado que, na tentativa de identificar as causas, características e consequências dessa nova realidade informacional, os pesquisadores têm identificado diversos fenômenos associados: o chamado "culto do amadorismo", o "efeito bolha", o "viés de confirmação", o crescimento no "nacional-populismo", entre outros.

É neste cenário de produção científica que se insere o presente trabalho. O objetivo aqui é identificar e analisar, entre os diversos fenômenos normalmente identificados com a atual realidade informacional, uma questão específica: a da chamada "desintermediação da informação" (SANTAELLA, 2019). Essa noção tem relação direta com uma postura, disseminada amplamente entre diferentes usuários, de questionamento e dúvida em relação aos mediadores da informação, tanto profissionais (jornalistas, professores, cientistas,

bibliotecários) quanto institucionais (meios de comunicação, museus, universidades, escolas), enquanto, ao mesmo tempo, creem que a informação que chega por meio de redes sociais e motores de busca (mediada por determinados algoritmos e critérios técnicos e mercadológicos, pauados portanto em um modelo de negócios que estimula a disputa pela atenção, por meio de conteúdos sensacionalistas, escandalosos e falsos), e mesmo por certos líderes de opinião e influenciadores digitais, seria uma informação "direta", sem mediação, portanto, na lógica destas pessoas, autêntica e não manipuladora (RUEDIGER; GRASSI, 2019). A ideia de desintermediação da informação, portanto, não se relaciona com um efetivo processo em que a relação das pessoas com a informação deixaria de ser mediada (o que, na verdade, seria impossível) mas com a ideia de algumas pessoas de que o acesso à informação por determinados meios e canais seria direta e não mediada – num processo acompanhado pela desconfiança dos meios consolidados de mediação da informação. Ao mesmo tempo, no fenômeno da desintermediação da informação há uma "livre" circulação de mensagens sem contrapeso institucional, isto é, sem verificação e sem certificação por ação profissional que possa ser responsabilizada (DOURADO, 2020).

Para tratar do assunto, é realizada também uma análise sobre alguns dos diferentes conceitos associados a esse fenômeno, evidenciando sua relação com a questão da desintermediação. É importante destacar que diversos outros conceitos estão associados a estes fenômenos, como os de algoritmo, robôs, *deep fake*, identidade falsa, rede privada virtual e muitos outros, como mostra o glossário produzido por Wardle (2018), mas que não serão apresentados aqui em função dos limites do artigo e da pesquisa feita até o momento.

2 MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO COMO SISTEMA PERITO

O ponto de partida da análise aqui proposta é a ampla compreensão sobre a modernidade realizada por Giddens (1991). Em sua análise de como se deu a transição das sociedades pré-modernas para a modernidade, o autor identifica a ocorrência de vários fenômenos que alteraram de maneira profunda as várias dimensões da vida humana (a política, a economia, a cultura, a regulamentação, o trabalho). Esses fenômenos produziram um novo estilo de vida e organização social que emergiram na Europa, a partir do século XVII, e que depois se tornaram mundiais em sua influência. Entre essas mudanças está o chamado desencaixe dos sistemas sociais, que alteraram as relações espaciais e temporais e inseriram na vida humana uma organização racionalizada. Giddens se dedica a estudar esses mecanismos,

que são de dois tipos: as fichas simbólicas e os sistemas peritos. Ambos dependem fundamentalmente da confiança: ela é essencial para a constituição das instituições da modernidade.

Os sistemas peritos são definidos por Giddens como estruturas de excelência técnica ou competência profissional que organizam grandes áreas dos sistemas material e social em que vivemos. O autor traz, como exemplo, uma escada, que utilizamos com a certeza de que não cairemos, de que ela não se quebrará – ou seja, aceitamos o risco, porque acreditamos na perícia de quem a produziu. Os sistemas peritos atuam por todos os espaços e ambiências. Cada pessoa, ao longo da sua vida, se depara com situações e problemas nos quais o seu próprio conhecimento é nulo ou rudimentar (por exemplo, a necessidade de realização de uma cirurgia, ou o conserto de um equipamento microeletrônico) e atribui, nessas situações, o protagonismo na resolução dos problemas a um outro ator profissional, dotado de reconhecido conhecimento naquela área. As atividades passam a ocorrer, assim, a despeito dos conhecimentos de cada uma das pessoas envolvidas.

Os sistemas peritos permitem que uma imensa gama de atividades humanas passe a ser desempenhada com maior eficácia, eficiência, exatidão e produtividade, justamente porque executadas por pessoas dotadas de treinamento, conhecimento prévio e formação específicas. Nos cuidados com o corpo, a moradia, a alimentação, o relacionamento humano, em todas as esferas da vida humana é possível se ter uma ação mais racional e produtiva a partir de sua orientação por um profissional funcionalmente orientado e especializado. Isso se deu, portanto, na medicina, na engenharia, na nutrição, na gastronomia, e em diversos outros campos. Se deu, também, no campo informacional.

Antes de se prosseguir, é importante apontar que a atuação de conhecimentos peritos não é uma criação da modernidade. Antes das sociedades modernas, existiram corporações de ofício, de artesãos, saberes especializados, até mesmo universidades. A novidade trazida pela modernidade foi uma complexa estrutura de validação e certificação destes sistemas peritos, por meio de cursos de formação profissional, conselhos de fiscalização, legislação de regulamentação, entre outras. E, sobretudo, uma ampla promoção da confiança a ser depositada em tais sistemas peritos, justamente em função de toda a certificação prévia.

Bibliotecas, arquivos, museus e outras instituições que lidam com o conhecimento registrado humano existem há séculos e realizam, utilizando as categorias atuais de pensamentos, ações de “mediação da informação”, no sentido de atuarem junto ao

conhecimento humano selecionando, preservando, organizando, disseminando. Na modernidade, tais instituições se amparam em saberes científicos (arquivologia, biblioteconomia, museologia) que conferem suporte institucional, profissional, legal e técnico para suas intervenções junto às sociedades em que se inserem. Tais instituições e saberes, ao longo de sua existência na modernidade, lidaram com diferentes questões: a universalização do acesso a seus conteúdos (democratização), a busca pela diversidade em suas coleções e ações (justiça epistêmica), a sofisticação dos instrumentos de organização dos conhecimentos (eficácia para a preservação e a recuperação), entre outros. Nos últimos anos, contudo, um desafio a mais vem se colocando para sua atuação: a negação de seus próprios fundamentos, de sua legitimidade, em prol de teorias e narrativas de que seriam instituições enviesadas, doutrinadoras, promotoras de falsidades, de pedofilia, de desvirtuação das pessoas. É nesse cenário, no qual atuam diferentes fenômenos entrelaçados, que se constitui o fenômeno da desintermediação da informação.

3 OS FENÔMENOS ASSOCIADOS

Entre os diversos termos utilizados para se caracterizar o momento informacional contemporâneo, é possível distinguir três tipos de relações com a questão da desintermediação: os termos que se referem a fenômenos nos quais as instituições modernas são reconhecidas e distorcidas; os que se referem a fenômenos de deslegitimação das instituições modernas; e os que se relacionam com o contexto em que tais fenômenos ocorrem.

O primeiro tipo se relaciona com práticas que reconhecem a legitimidade das instituições modernas de conhecimento da realidade: o jornalismo e a ciência.

O primeiro conceito relevante nessa discussão é o de *fake news*. O termo se tornou relevante no ano de 2016 (D'ANCONA, 2018), quando foi utilizado exaustivamente pelo candidato a presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, para desqualificar e difamar os veículos de comunicação de massa quando estes apresentavam fatos que o desfavoreciam. O termo foi usado, assim, exatamente para deslegitimar as instituições jornalísticas, questionando a sua confiabilidade. Há, pois, uma resistência ao uso desse termo, por parte de jornalistas e estudiosos da comunicação, pelo fato de que, se é falso, então não é notícia – entendendo-se notícia como uma categoria jornalística. O uso abundante do termo, contudo, acabou por o consagrar como fundamental para a compreensão da nossa época. Literalmente, *fake news* significam notícias falsas. O primeiro elemento de sua caracterização é sua falsidade: elas são

produzidas com a intenção de mentir, de enganar, de distorcer ou esconder a verdade. O segundo elemento é que elas buscam ser apreendidas como notícias jornalísticas verdadeiras. Ou seja, as *fake news* são parte de uma estratégia que reconhece a legitimidade do discurso jornalístico, das instituições jornalísticas e, em lugar de questionar essa legitimidade, na verdade se aproveitam delas para terem credibilidade. Não só do jornalismo, mas também das universidades, institutos, da ciência – frequentemente as *fake news* apelam para "especialistas", cientistas, professores, políticos, alguns falsos, outros com fala distorcida.

Fake News, portanto, são mentiras travestidas de jornalismo. Elas podem ter origem em um *site* que copia, na aparência, as características de um *site* jornalístico; podem ter como nome ou endereço *web* o mesmo nome de uma instituição já existente, com uma letra trocada; podem ser assinadas por pessoas que se apresentam como jornalistas sem serem, ou por pessoas com o nome quase idêntico ao de jornalistas ou colunistas reconhecidos e respeitados. O texto utiliza a estrutura típica do jornalismo – linguagem, entrevistas, apoio em avaliações de especialistas, imagens, entre outros.

É importante destacar o fato de que, obviamente, não se quer dar a entender aqui que os meios de comunicação sempre dizem a verdade. Décadas de estudos científicos têm demonstrado como os veículos jornalísticos são empresas que atendem ou são suscetíveis a determinados interesses de grupos econômicos, políticos, militares, religiosos, etc (PELLICER ALAPONT, 2017). Contudo, sempre foram instituições com sede, registro, funcionários contratados e, para a construção de sua credibilidade, nunca puderam inventar fatos completamente falsos, sob pena de serem responsabilizados e desacreditados. Distorções de fatos, enquadramentos favoráveis a um grupo ou desfavoráveis a outro, silêncio sobre fatos desabonadores de seus financiadores, escutar apenas um lado da questão, mistura de opinião em conteúdo informativo são algumas das várias estratégias para moldar ou distorcer a realidade conforme determinados interesses. A novidade trazida pelas *fake news* é a construção de um relato completamente falso, de uma notícia de um fato que nunca aconteceu, e sua apresentação nos moldes do discurso jornalístico. A força das *fake news* reside na incapacidade (ou desinteresse, como será apontado a seguir) das pessoas em diferenciar um tipo de outro, atribuindo o mesmo grau de confiabilidade a conteúdos distintos apenas pela aparência do conteúdo informacional.

O outro conceito é o de *fake science*, associado ao fenômeno do negacionismo científico. Muitos estudos mostram que questionamentos à ciência existem há muito tempo,

provenientes tanto do senso comum, das autoridades constituídas nas práticas tradicionais, como também de líderes religiosos. Mas o negacionismo como uma estratégia articulada tem, segundo historiadores, uma origem bem precisa: a metade do século XX, quando a ciência descobriu os vínculos entre o ato de fumar e o câncer (McINTYRE, 2018; WILBER, 2018). Uma vez estabelecida a verdade científica, a poderosa indústria do tabaco precisava garantir a sobrevivência de seu negócio. Grupos industriais do tabaco criaram uma fundação, começaram a financiar cientistas para dizerem que não era totalmente certo que o fumo causava câncer (porque, claro, não poderiam provar o contrário) e a disseminar a ideia de que qualquer debate sobre o tema, em universidades, escolas ou na mídia, deveria apresentar os dois "lados" da questão, isto é, o dos que têm certeza de que causa câncer, e dos que dizem que talvez cause. Isso foi conduzindo à ideia de que havia dois lados da questão e, para o público leigo, consolidava-se a ideia de que havia os cientistas que diziam que causa câncer e os que diziam que não. Isso foi suficiente para semear a dúvida e garantir a continuidade dos negócios. Nas décadas seguintes, estratégias semelhantes foram criadas por grupos empresariais, industriais e políticos para promover ideias como, por exemplo, a de que o aquecimento global não existe, de que vacinas causam doenças e, até mesmo, de que a Terra é plana.

O cerne da questão do negacionismo científico, também chamado *fake science*, é que toda vez que a ciência descobre uma verdade que desagrada determinado grupo (país, empresa, religião, etc), esse grupo mobiliza esforços para desacreditar a ciência e, inclusive, se fortalece com a confluência de outros movimentos negacionistas.

Associado à *fake science* está a pseudociência, que tenta vender ideias, produtos e serviços sem validade científica, utilizando estratégias como a linguagem científica e a evocação de figuras de autoridade (MARÇAL, 2014). Diferentemente da *fake science*, quando um fato falso é apresentado como se fosse evidência científica, muitas vezes com o acompanhamento de ataques à ciência estabelecida, nos casos de pseudociência apela-se para uma ideia de ciência "alternativa", que estaria se desenvolvendo de maneira paralela à ciência institucional e ainda à espera da efetiva validação.

Paralelamente ao negacionismo científico, verifica-se, também, o negacionismo histórico. A negação da existência do holocausto é, certamente, o mais conhecido exemplo, mas há outros igualmente graves como a negação de torturas em regimes ditatoriais, ou de que não existiu corrupção em ditaduras, ou de que regimes que suprimem as liberdades

individuais e implementam a política de tortura e morte de opositores políticos não foram ditaduras, entre muitos outros. Ambos, o negacionismo científico e o negacionismo histórico, beneficiam-se do fenômeno dos *clickbaits*, os caçadores de cliques (APARICI; GARCÍA-MARÍN, 2019). São grupos ou pessoas que percebem o potencial de visibilidade da produção de conteúdo negacionista e o fazem justamente para obterem visualizações e, com isso, recursos econômicos. Há muitas décadas, estudos sobre o sensacionalismo já evidenciam a grande popularidade que conteúdos enganosos podem alcançar, mas nos tempos atuais essa dimensão se soma ao alto grau de sofisticação no uso desse recurso e seu vínculo com interesses políticos, econômicos ou religiosos.

O segundo tipo de fenômeno relacionado é aquele no qual ações são feitas para destruir a legitimidade das instituições modernas, por meio da destruição da confiança da qual elas dependem para atuar. Encaixam-se nessa caracterização os testemunhais falsos, as teorias conspiratórias e os discursos de ódio.

O primeiro fenômeno, portanto, é o testemunhal falso. No espanhol se tem usado a expressão "cunhadismo" (ARGEMÍ, 2019) e, com algumas diferenças, no inglês o termo "*bullshit*" (FRANKFURT, 2019). Trata-se da velha fofoca, ou rumor, mas com uma sofisticação proporcionada pelos aparatos tecnológicos (filmagens e voz) que, ao contrário das *fake news*, se constrói na oposição às instituições, na crença de que universidades, escolas, cientistas, veículos jornalísticos, organizações internacionais são todos manipuladores, doutrinadores, agentes conspiratórios, e que, portanto, não merecem credibilidade. Os testemunhais são produzidos por pessoas que se apresentam como pessoas "comuns", que usam linguagem coloquial, erros gramaticais, filmagens amadoras, e que defendem essas características como uma virtude – o fato de serem simples, cotidianas, "assim como a pessoa que assiste" se torna o critério de legitimidade, de credibilidade, em oposição às forças manipuladoras das instituições do chamado "sistema". A força do relato, o grau de emoção do autor ou apresentador, e a importância dos fatos apresentados (normalmente secretos, porque estão sendo escondidos justamente pelas instituições) agregam força narrativa a essa modalidade informativa. Alguns fatos estão diretamente relacionados com a emergência dessa modalidade, como a chamada cultura do amadorismo (KEEN, 2008) e a falsa equivalência (McINTYRE, 2018).

As teorias conspiratórias constituem um segundo tipo de fenômeno, no qual se promove um suposto posicionamento crítico por parte das pessoas (a desconfiança de todas

as instituições, governos, órgãos oficiais) em prol, contudo, da adesão a determinado líder que seria o grande "revelador" de conspirações (PROCTOR, 2008). A atitude conspiratória gera um elemento fundamental na postura de quem se torna adepto delas: é que não há possibilidade de um contraditório, de uma contra-argumentação baseada em evidências, pois a conspiração é sempre secreta, escondida, portanto, não necessita de evidências, de fundamentação em fatos, para que se acredite nela. A narrativa na qual se acredita importa mais do que os fatos (D'ANCONA, 2018).

O terceiro fenômeno é o discurso do ódio. Diferente dos dois primeiros, ele não busca ser factual, ele não tem a intenção de apresentar um fato do mundo. É um fenômeno, portanto, diferente dos demais apresentados neste texto, pois ele independe da verdade. Antes, ele diz de intenções, desejos, necessidades e medos de determinado sujeito ou grupo de sujeitos – por exemplo, de que imigrantes voltem para os países deles, de que o feminismo desapareça e tudo volte a ser como antes, de que determinado grupo político seja exterminado (GREIFENEDER; JAFFÉ; NEWMAN; SCHWARZ, 2021; FUKUYAMA, 2019). Sua intenção, e nisso ele é complementar aos dois primeiros, é mobilizar as pessoas para agirem com a emoção e não com a razão, e por isso ele possui um papel importante na análise aqui empreendida. Mais especificamente, com determinadas emoções (medo, ressentimento, ódio) de forma a proporcionar reações de agressividade, sobretudo em relação à discordância. O outro deixa de ser visto como adversário, portador de ideias ou pontos de vista distintos, e se torna um inimigo a ser eliminado, e todo o objetivo dos espaços informacionais passa a ser vencer o outro (EMCKE, 2018). Nesta modalidade, os fatos mencionados podem ser verdadeiros ou não, a intenção é colocar as pessoas em estado de guerra – mas é justamente essa condição emocional que predispõe as pessoas a deixarem de lado a busca da verdade em prol do objetivo mais urgente de vencer a discussão a qualquer preço. Tiburi (2020) explica que o ódio surge como um afeto redentor para sujeitos com medo ou ressentidos, ele proporciona a experiência de que se está fazendo algo contra o medo ou a fonte do medo.

O terceiro conjunto de termos se relaciona com tentativas de descrição, de uma forma geral, do momento informacional que estamos vivendo. São expressões que acabam por caracterizar o contexto dos fenômenos anteriormente mencionados.

O primeiro destes termos é desinformação. Essa expressão tem sido utilizada, contemporaneamente, com duas acepções (CONSENTINO, 2020). Uma delas se refere às sofisticadas técnicas de produção de mentiras, portanto à dimensão estratégica e intencional

de produção da falsidade. Trata-se de identificar os grupos que produzem e disseminam as *fake news*, os testemunhais, o discurso do ódio, que selecionam os melhores canais para cada um deles, articulam a complementaridade dos discursos em cada modalidade, identificam os opositores a serem neutralizados.

Nesse sentido, uma das estratégias mais bem-sucedidas foi o sequestro das ideias pós-modernas sobre a verdade. O movimento pós-modernista desenvolveu-se ao longo do século XX como um movimento artístico, cultural e também filosófico. Entre suas características está o questionamento da ideia de existência de uma verdade absoluta, única, ou seja, não existiria uma resposta absolutamente correta sobre o que cada elemento da realidade significa. A denúncia de que qualquer declaração de verdade seria um ato autoritário, porque sempre ideológica, acabou sendo uma crítica sequestrada por movimentos políticos para dizer que tudo seria ideológico e, portanto, não haveria "verdade", apenas "fatos alternativos" – expressão utilizada pelo presidente dos Estados Unidos Donald Trump em diversas ocasiões em que mentiu e foi confrontado por jornalistas, cientistas ou membros de judiciário com as evidências dos fatos verdadeiros (KAKUTANI, 2019).

O outro uso da expressão desinformação diz respeito aos efeitos dessas ações, isto é, ao estado de caos, de confusão, de dúvida, gerado em amplas parcelas da população que justamente necessitam e/ou buscam informação para definir suas opiniões e tomar suas decisões. Nesse segundo sentido, desinformação se aproxima bastante do próximo conceito a ser apresentado, o de infodemia.

Infodemia, de todos os conceitos apresentados aqui, é o que ainda está menos desenvolvido (NAEEM; BHATTI, 2020). A associação dos termos informação e pandemia caracteriza, pois, uma caracterização patológica da dimensão informacional: a gigantesca abrangência e velocidade de disseminação de informações falsas tem produzido um quadro em que as informações falsas estão mais presentes na vida das pessoas do que as verdadeiras e de qualidade, e acabam tendo muito mais influência na tomada de decisões e na definição das linhas de ação. Assim se constitui uma natureza "pandêmica" dos fenômenos informacionais, tomados desde a perspectiva de seus efeitos adversos ou disfunções.

Uma explicação do significado dessa expressão está também presente em Wardle e Derakhshane (2017) sob a denominação de desordem informacional. Os autores argumentam que, embora haja uma vasta pesquisa sobre os impactos históricos de informações falsas e rumores, há um conjunto de novidades no momento contemporâneo: a poluição da

informação em um nível de escala global; uma complexa rede de motivações para a produção, a disseminação e o consumo dessas mensagens "poluídas"; uma miríade de tipos de conteúdo e técnicas para amplificar tais conteúdos; inúmeras plataformas hospedando e reproduzindo esse conteúdo; e velocidades vertiginosas de comunicação entre pessoas que confiam umas nas outras.

Por fim, há ainda a expressão pós-verdade. Muitas pessoas criticam seu uso, identificando que ele seria na verdade um modismo ou mero sinônimo de mentira com uma embalagem diferente (FULLER, 2018; McINTYRE, 2018; SANTAELLA, 2019). Mas os pesquisadores que o propuseram como conceito científico alertam que ele designa, sim, uma questão inédita na história. É o que está expresso na definição do dicionário Oxford, que salienta que, no cenário da pós-verdade, os apelos à emoção (daí a importância do discurso de ódio) e às crenças pessoais (daí a importância das teorias conspiratórias e do negacionismo) são mais importantes na formação da opinião do que os fatos da realidade (D'ANCONA, 2018). A pós-verdade é um fenômeno que se produz na confluência de três condições. A primeira delas é a ampla disseminação de informações falsas (complemente falsas, e não apenas distorções como na era dos meios de comunicação de massa) com suporte tecnológico que permite alcances inimagináveis na era da fofoca e dos rumores. A segunda é a possibilidade de checagem nos dias atuais, em que muitas pessoas podem, em poucos segundos e com aparelhos de uso cotidiano como o smartphone ou o notebook, checar a veracidade das informações recebidas por elas em qualquer meio. A terceira é o fato de as pessoas não fazerem isso, isto é, não checarem, não verificarem se uma informação é verdadeira ou falsa, antes de a repassarem e dela se apropriarem. É esse desinteresse, esse desdém pela verdade, que marca aquilo que vem sendo identificado como uma "cultura da pós-verdade" (WILBER, 2018) ou um "regime de pós-verdade" (BRONCANO, 2019). A expressão cultura designa justamente um conjunto de valores, de naturalizações, de estímulos a um determinado comportamento – no caso, o desprezo pela verdade, a valorização daquilo que confirma ideias preconcebidas, a seleção apenas daquilo que é confortável. A pós-verdade caracteriza um imaginário contemporâneo no qual a desconsideração da verdade é naturalizada, estimulada, exaltada, como um valor ou uma virtude (D'ANCONA, 2018).

É a conjunção desse conjunto de fatores, que representam tanto a estratégia deliberada de produção de mentiras quanto ações espontâneas desempenhadas pelas pessoas no cotidiano, que se produzem as condições da desintermediação da informação:

uma perda da confiança nos mediadores da informação (jornalismo, escola, universidade, ciência, bibliotecas, arquivos, museus) enquanto portadores de informação verdadeira, certificada, confiável. Em seu lugar, há a confiança em líderes populistas, políticos ou religiosos, ou em pessoas que se apresentam como comuns e desinteressadas, ou fraudadores se passando por jornalistas ou cientistas. Por um lado, as ações estratégicas de conteúdo falso (*fake news*, *fake science*), ao produzirem, efetivamente, mentiras, minam a confiança nos sistemas peritos informacionais, exatamente pela veiculação da mentira – pela criação de um cenário de contradições, de dúvidas, de caos (EMPOLI, 2019) e de destruição de reputações e instituições políticas, democráticas, profissionais (KAKUTANI, 2019). Por outro lado, ações deliberadamente destruidoras da confiança nos sistemas peritos, que apelam para emoções, sentimentos conspiratórios, de medo e de ódio, levam os sujeitos a não agirem racionalmente. Proporcionando um clima favorável para as duas ações, os cenários de desinformação e infodemia compõem o contexto no qual tais ações se passam.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As pesquisas em mediação da informação (ALMEIDA JÚNIOR, 2009; DAVALLON; MARTINS, 2019) têm apontado várias questões de pesquisa pertinentes para o campo: a sua própria definição enquanto nova posição teórica e atuação profissional; as suas características enquanto intervenção junto aos documentos e instituições; sua necessária vinculação a questões como democracia e pluralidade, entre outras. O cenário atual, de ampla produção, circulação e apropriação de informação falsa, coloca novos desafios para a mediação da informação (O'CONNOR; WEATHERALL, 2019; PETERS; RIDER; HYVÖNEN; BESLEY, 2018). Os novos fenômenos informacionais desafiam as categorias de pensamento até então existentes de forma a se diagnosticar o momento atual e, também, se pensar em formas de combater os seus efeitos nocivos.

Voltando à reflexão de Giddens, é fundamental lembrar que as instituições produzidas na modernidade buscaram melhorar as condições da vida humana, em todas as suas esferas e dimensões. Naturalmente, não são perfeitas, e seu constante aperfeiçoamento deve ser buscado. A ação de sua destruição, e substituição por outras formas de ação, deve ser vista com críticas – sobretudo quando tais ações estão a serviço de ideologias totalitárias, autoritárias e excludentes, visando a construção de novas formas de dominação em lugar da emancipação humana e a justiça social (EATWELL; GOODWIN, 2019; SILVA, 2020).

Assim, combater os efeitos perversos da infodemia e, por extensão, da desintermediação da informação, é fundamental. Diversas ações nesse sentido vêm sendo identificadas por pesquisadores de várias áreas: a promoção de competência crítica em informação ou literacia digital, a criação de mecanismos de certificação da veracidade e qualidade da informação, a construção de mecanismos de responsabilização por crimes cometidos por meio de informação falsa, o aumento da visibilidade e circulação dos serviços de checagem, e a mobilização de estratégias para o esclarecimento quanto às bolhas e para sua "perfuração" (DALKIR; KATZ, 2020; FERRARI, 2018; NOBLE, 2018). A efetiva implementação de tais ações é fundamental sobretudo para a manutenção de determinados valores construídos nos últimos séculos: a democracia, a inclusão, a defesa da diversidade, o estímulo a uma cultura da paz (CASARA, 2019).

REFERÊNCIAS

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. Mediação da informação e múltiplas linguagens. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 2, n. 1, p. 89-103, jan. /dez. 2009. Disponível em: http://inseer.ibict.br/ancib/index.php/tpbci/article/view/17/39. Acesso em: 29 jun. 2021.

APARICI, R.; GARCÍA-MARÍN, M. (coord.). **La posverdad**: una cartografia de los médios, las redes y la política. Barcelona: Gedisa, 2019.

ARGEMÍ, M. **Los siete hábitos de la gente desinformada**. Barcelona: Conecta, 2019.

BRONCANO, F. **Puntos ciegos**: ignorancia pública y conocimiento privado. Madrid: Lengua de Trapo, 2019.

CASARA, R. **A era pós-democrática**. Porto: Exclamação, 2019.

CONSENTINO, G. **Social media and the post-truth world order**: the global dynamics of disinformation. Cham: Palgrave, 2020.

D'ANCONA, M. **Pós-verdade**: a nova Guerra contra os fatos em tempos de fake news. Barueri, SP: Faro, 2018.

DALKIR, K.; KATZ, R. (ed.). **Naviganting fake news, alternative facts, and misinformation in a post-truth world**. Hershey: IGI Global, 2020.

DAVALLON, J. A mediação: a comunicação em processo? **Prisma.com**, n. 4, p. 3-36, jun. 2007. Disponível em: http://prisma.cetac.up.pt/A_mediacao_a_comunicacao_em_processo.pdf. Acesso em: 29 jun. 2021.

DOURADO, T. M. S. G. **Fake News na eleição presidencial de 2018 no Brasil**. Salvador: UFBA, 2020. Tese de doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas. Disponível em: http://poscom.tempsite.ws/wp-content/uploads/2011/05/Tese_Tatiana-Dourado.pdf. Acesso em: 08 ago. 2021.

EATWELL, R.; GOODWIN, M. **Nacionalpopulismo**: por qué está triunfando y de qué forma es un reto para la democracia. Barcelona: Península, 2019.

EMCKE, C. **Contra el ódio**. Bogotá: Nomos, 2017.

EMPOLI, G. **Os engenheiros do caos**. São Paulo: Vestígio, 2019.

FERRARI, P. **Como sair das bolhas**. São Paulo: Educ; Armazém da Cultura, 2018.

FRANKFURT, H. **On bullshit**: sobre a conversa, o embuste e a mentira. Lisboa: Bookout, 2019.

FUKUYAMA, F. **Identidad**: la demanda de dignidad y las políticas de resentimiento. Barcelona: Deusto, 2019.

FULLER, S. **Post-truth**: knowledge as a power game. London: Anthem, 2018.

GEISELBERGER, H. (ed.) **O grande retrocesso**. Lisboa: Objectiva, 2017.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Ed. Unesp, 1991.

GÓMEZ DE ÁGUEDA, Á. **Mundo Orwell**: manual de supervivencia para un mundo hiperconectado. Madrid: Ariel, 2019.

GREFEINEDER, R.; JAFFÉ, M.; NEWMAN, E.; SCHWARZ, N. (ed.). **The psychology of fake news**: accepting, sharing, and correcting misinformation. London: Routledge, 2021.

KAKUTANI, M. **La muerte de la verdad**: notas sobre la falsedad en la era Trump. Barcelona: Galáxia Gutemberg, 2019.

KEEN, A. **O culto do amadorismo**. Lisboa: Guerra e Paz, 2008.

KIRSCH, T. G.; DILLEY, R. E. Regimes of ignorance: an introduction. *In*: DILLEY, R; KIRSCH, T. G. (ed.). **Regimes of ignorance**: anthropological perspectives on the production and reproduction of non-knowledge. Oxford: Berghann, 2015.

MARÇAL, D. **Pseudociência**. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2014.

MARTINS, A. A. L. Em torno da mediação: contribuições para fundamentação teórico-epistemológica da categoria nos estudos da informação. **Ciência da Informação em Revista**, v. 6, n. 1, p. 4-19, maio 2019. Disponível em: https://www.seer.ufal.br/index.php/cir/article/view/6010. Acesso em: 29 jun. 2021.

MAYOS, G.; BREY, A. (ed.). **La sociedad de la ignorancia**. Barcelona: Península, 2011.

McINTYRE, L. **Posverdad**. Madrid: Cátedra, 2018.

NAAEM, S.; BHATTI, R. The Covid-19 'infodemic': a new front for information profesionals. **Health Information and Libraries Journal**, v. 37, n. 3, p. 233-239, 2020.

NOBLE, S. U. **Algorithms of oppression**: how search engines reinforce racism. Nova Iorque: New York University Press, 2018.

O'CONNOR, C.; WEATHERALL, J. **The misinformation age**: how false beliefs spread. New Haven: Yale University Press, 2019.

PELLICER ALAPONT, M. P. **La comunicación en la era Trump**. Barcelona: UOC, 2017.

PETERS, M.; RIDER, S.; HYVÖNEN, M.; BESLEY, T. (ed.) **Post-truth, fake news, viral modernity & higher education**. Singapore: Springer, 2018.

PROCTOR, R. Agnotology: a missing term. *In*: PROCTOR, R.; SCHIEBINGER, L. (ed.). **Agnotology**: the making and unmaking of ignorance. Stanford: California Stanford University Press, 2008.

RUEDIGER, M. A.; GRASSI, A. (coord.). **Disinformation in the 2018 elections**: the debate about fake news in Brasil. Rio de Janeiro: FGV, DAPP, 2019. Disponível em: file:///C:/Users/user/Downloads/FGV%20DAPP%20-%20Disinformation%20in%20the%20Brazilian%20Elections%20.pdf. Acesso em: 08 ago. 2021.

SANTAELLA, L. **A pós-verdade é verdadeira ou falsa?** Barueri, SP: Estação das Letras e Cores, 2019.

SERRANO OCEJA, J. F. **La sociedad del desconocimiento**: comunicación posmoderna y transformación cultural. Madrid: Encuentro, 2019.

SILVA, F. L. **Sadopopulismo**: de Putin a Bolsonaro. Florianópolis: Insular, 2020.

SOUZA, J.; AVELINO, R.; SILVEIRA, S. **A sociedade do controle**: manipulação e modulação nas redes sociais. São Paulo: Hedra, 2018.

TIBURI, M. **Como derrotar o turbotecnomachonazifascismo**. [*S. l.: s. n.*], 2020.

WARDLE, C.; DERAKHSHAN, H. Information disorder: Toward an interdisciplinary framework for research and policy making. **Council of Europe Report**, v. 27, 2017. Disponível em: https://rm.coe.int/information-disorder-toward-an-interdisciplinary-framework-for-researc/168076277c . Acesso em: 08 ago. 2021.

WARDLE, C. **Information disorder**: The essential glossary. Harvard, MA: Shorenstein Center on Media, Politics, and Public Policy, Harvard Kennedy School, 2018.

WILBER, K. **Trump y la posverdad**. Barcelona: Kairós, 2018.